

PAINEL 14 - MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NO ESPAÇO EDUCATIVO

Mediador: Prof. Dr. Marciel Consani, NCE-ECA/USP.

O LAPTOP EDUCACIONAL NA CONSTRUÇÃO DO AFETO - A ESCOLA MUNICIPAL PADRE MIOTTI COMO ESTUDO DE CASO.

Marcos Ramos



Formado em História pela PUC Campinas, 1993, atua como Professor há 20 anos na rede Estadual de SP e há 14 anos na Prefeitura Municipal de Campinas.

Resumo

Vivemos uma realidade na educação que incomoda a todos os envolvidos no processo ensino aprendizagem. Trata-se do desinteresse e desmotivação que os alunos têm em relação aos estudos e à escola, dificultando a sintonia entre educadores e alunos e prejudicando o processo ensino aprendizagem. Será então que o uso das tecnologias pode ajudar no estreitamento das relações afetivas na escola bem como no desenvolvimento da aprendizagem escolar? O presente trabalho fundamentado na teoria sócio construtivista teve como problema norteador a seguinte questão: De que maneira o uso do laptop educacional influencia na motivação para o aprendizado, bem como no estreitamento das relações afetivas na escola? A pesquisa foi realizada numa escola de ensino fundamental da Rede Municipal de Campinas/SP e que se insere num projeto piloto do governo federal nomeado de UCA (um laptop por aluno), chamado na escola de projeto “XO”. Dos pressupostos inicialmente levantados foram confirmados que o uso do laptop educacional favorece o estreitamento das relações afetivas na escola e a motivação para o aprendizado dos alunos.

Palavras-chave: afeto na escola, motivação na aprendizagem, educação municipal.

1. INTRODUÇÃO

As dificuldades na aprendizagem dos alunos e o desgaste nas relações afetivas em sala de aula têm gerado preocupações entre professores, gestores e até

órgãos governamentais, pois são questões que influenciam diretamente no processo ensino aprendizagem. Mas, o que pode ser feito para que haja uma melhoria nas relações afetivas em sala de aula e no processo ensino aprendizagem?

De acordo com Belloni & Gomes (2008, p. 740), torna-se necessário investir na busca de novos modos de ensinar que considerem os novos modos de aprender que as crianças e jovens vêm desenvolvendo em decorrência das transformações sociais. Será preciso reinventar a pedagogia, incorporando o uso das tecnologias em projetos de aprendizagem inovadores.

As inovações e mudanças educacionais, segundo Moran (2009, p. 101-111) dependem de educadores maduros, intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar, educadores que facilitem o processo de organizar a aprendizagem. O mesmo autor também destaca que as tecnologias de informática podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente e que, diante disso, o papel principal do professor é ajudar o aluno a interpretar esses dados, relacioná-los e contextualizá-los a situações reais.

O presente trabalho, realizado numa escola pública da rede municipal da Cidade de Campinas, utiliza a abordagem qualitativa de pesquisa. e o protocolo de entrevistas semiestruturadas.

Pretende-se com esse estudo apropriar-se dos conhecimentos e metodologias que favoreçam o uso do laptop educacional em sala de aula, enquanto ferramenta de estudo e desenvolvimento das potencialidades dos alunos. Diante das inúmeras dificuldades que perpassa a educação em nosso país, a busca de novos conhecimentos é sem dúvida uma forma de instrumentalizar nosso trabalho, descobrindo novos caminhos que possibilitem um novo encantamento e uma motivação para professores e alunos, favorecendo a construção do sujeito autônomo.

2- O POTENCIAL EDUCATIVO DAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA

2.1 As TIC e o papel do professor no contexto escolar

As tecnologias podem ser utilizadas como uma das alavancas para reflexão na sala de aula, como um dos elementos desencadeadores de percepções sobre as complexidades do mundo atual e como mediadoras de processos comunicacionais. (PORTO, 2006, p.48)

De acordo com Mendes (2008, p.57), é necessário que o aluno seja orientado a explorar as funcionalidades favorecidas pelas tecnologias de informação e comunicação. Neste contexto o professor também constrói e reconstrói seu conhecimento, reconhecendo a necessidade de uma postura reflexiva contínua e reconhecendo-se como um dos sujeitos do ato educativo.

O professor quando preparado tem a responsabilidade com a condução e orientação do processo de ensino e com a relação dialógica e plural, que propicia igualdades de oportunidades para os alunos. Assim, a comunicação na escola envolve um agir pedagógico participativo, segundo o qual professores e alunos, ampliam seus saberes, interações e formas de comunicação com tecnologias propiciadoras de aprendizagens. (PORTO, 2003 *apud* Porto, 2006, p.48-49).

Moran (1995, p.24-26) afirma que somente as tecnologias não mudam a relação pedagógica, mas podem ser capazes de permitir um novo encantamento na escola, nos alunos e nos professores.

Porém, como afirma o próprio Moran (2007, p. 90) “O domínio pedagógico das tecnologias na escola é complexo e demorado. (...) Há um tempo grande entre conhecer, utilizar e modificar processos”.

Ainda segundo o autor, o educador continua sendo importante, não como informador nem como “papagaio” repetidor de informações prontas, mas como mediador e organizador de processos. O professor é um pesquisador – junto com os alunos – e articulador de aprendizagens ativas, um conselheiro de pessoas diferentes, um avaliador dos resultados. O papel dele é mais nobre, menos repetitivo e mais criativo do que na escola convencional. (MORAN, 2009, p.101-111)

2.2 As TIC como meio de melhorar as relações sociais na escola

Babin e Kouloumdjian (1989, *apud* Porto, 2006, p.45), em suas pesquisas com os jovens ante a realidade da comunicação advinda com os avanços das tecnologias, confirmam a hipótese de que a invasão das mídias e o emprego das tecnologias na vida cotidiana modelam progressivamente outro comportamento intelectual e afetivo.

Os jovens “estão em outra”, afirmam os autores, e isso significa outras necessidades, outras percepções, outros relacionamentos, além daqueles conhecimentos muitas vezes vazios de significados que lhes chegam por meio das

escolas e dos livros, organizados racional e linearmente. São outras maneiras de compreender, de perceber, de sentir e de aprender, em que a afetividade, as relações, a imaginação e os valores não podem deixar de ser considerados. São alternativas de aprendizagem que os auxiliam a interagir, a escolher e a participar nas estruturas sociais e educativas.

Como agir então para mobilizar os alunos, afim de que se envolvam nas tarefas propostas pelos professores? Segundo Belloni e Gomes (2008, p.1), ambientes de aprendizagem computacionais são potencialmente muito eficazes, pois possibilitam a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento a ser construído.

Belloni e Gomes, (2008, p.729), utilizam Vigotski para enfatizar que é em ambientes influenciados pela ação do sujeito sobre o meio que ocorre a construção do conhecimento.

As autoras concluem que com a utilização das TIC pelas crianças e adolescentes, percebe-se que, movidos pela motivação e pela curiosidade, eles atingem o domínio do que estão fazendo e são capazes de avançar para níveis cognitivos superiores, além de adquirirem o conhecimento necessário para manipular o próprio equipamento (comandos, funções, configurações etc.), ou seja, desenvolve a capacidade de aprender sozinhos, o que podemos chamar de autonomia na aprendizagem.

2.3 As TIC e a aprendizagem colaborativa

Para Ficheman (2008, p.39), a tecnologia tem contribuído para reorganizar o modo de se comunicar, de aprender, enfim o modo de viver. Uma aplicação educativa que oferece ambientes colaborativos delega autoridade ao aluno e seus colegas, que são encorajados a construir e avaliar ideias.

O uso das TIC no processo ensino aprendizagem contribui para o que chamamos de aprendizagem colaborativa. Neste processo, todos trabalham juntos (colaboram) e se apoiam mutuamente, visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo do grupo.

De acordo com Belloni e Gomes (2008, p.732), o trabalho com projetos coletivos realizados em ambientes computacionais, são meios adequados para desenvolver atividades cooperativas ou colaborativas que através destas

tecnologias, possibilitam a vivência de situações diferentes das que os alunos costumam experimentar numa situação de ensino convencional, pois ao contrário deste modelo, os objetivos pedagógicos e cognitivos que se pretende alcançar são: a contextualização do tema, a tomada de decisões em grupo, as situações de troca, a reflexão individual e coletiva, a tolerância e a convivência com as diferenças, as constantes negociações e as ações conjuntas acarretando assim numa aprendizagem significativa para os alunos.

A partir dos autores citados é possível afirmar que as tecnologias de informação e comunicação (as TIC) ampliam as possibilidades comunicativas entre os atores da trama educacional. Estudantes, professores e os demais atores do processo educativo estabelecem comunicações interativas favorecendo uma reflexão sobre outras possibilidades que ultrapassem os limites da sala de aula, rompendo a educação linear, fornecendo elementos para expressão e compreensão de processos sociais, pois trazem para a cena conflitos, estereótipos, situações e contextos a serem debatidos/refletidos pelos sujeitos escolares.

2.4 As TIC e a formação do sujeito autônomo

Segundo Freire a autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas..., ninguém é sujeito da autonomia de ninguém e ninguém amadurece de repente. O amadurecimento, segundo este autor, acontece em decorrência de várias experiências que se tem ao longo da vida. Vamos amadurecendo todo dia, ou não.

No pensamento de Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 2002:68), ou seja, para este intelectual, é tarefa de todo ser humano ser mais, se tornar senhor de si, “*autônomo, consciente, sujeito da história*”.

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Neste sentido a pedagogia da autonomia deve estar centrada em experiências estimuladora da decisão e da responsabilidade. (Freire, 1996, p. 41)

Podemos observar então que só há autonomia num ambiente onde há relação de respeito mútuo entre professor-aluno, a cooperação entre iguais e respeitando o aluno como sujeito construtor do seu conhecimento.

Segundo Belloni e Gomes (2008, p.735), a interação entre pares desempenha um papel crucial nas aprendizagens e o uso pedagógico adequado das TIC favorece

estas interações, na medida em que cria ambiente de aprendizagem mais dinâmico e mais democrático do que a sala de aula convencional, favorecendo a aprendizagem colaborativa.

Usar o laptop educacional em situações pedagógicas favoráveis, alicerçadas em projetos pedagógicos estruturados contribui para desenvolver comportamentos de autonomia e autodidaxia e favorece o trabalho colaborativo, além de constituir-se numa ferramenta especialmente valiosa para a aquisição e consolidação da alfabetização. A utilização do laptop educacional como recurso pedagógico pode potencializar a aprendizagem, pois contribui para a motivação e a disponibilidade psicológica, essenciais no processo de aprendizagem. (BELLONI e GOMES, 2008, p.738)

2.5 A contribuição das TIC no processo ensino aprendizagem

Na relação mundo-escola Colello (2011), propõe a seguinte reflexão: O que ensinamos e o que deveríamos ensinar? De acordo com a autora os muros da escola estão fechados para a sociedade, gerando uma tensão de um mundo que não valoriza a escola. A escola parou no tempo, não dialoga, não conversa com o mundo, com as novas linguagens entre elas a tecnológica. A escola está fora de sintonia com o mundo. Será então que o uso das tecnologias pode ajudar no desenvolvimento da aprendizagem escolar?

Para Porto (2006, p.44), o grande desafio posto para a escola é trazer para seu contexto as informações presentes nas tecnologias e as próprias ferramentas tecnológicas, devem estar articulados com os saberes escolares propiciando a interlocução entre os indivíduos, disponibilizando aos sujeitos escolares um amplo leque de saberes que, se trabalhados em perspectiva comunicacional, garantem transformações nas relações vivenciadas no cotidiano escolar.

Segundo Ficheman (2008, p.33), atividades apoiadas por tecnologias digitais criam uma relação entre alunos e professores que aumenta o interesse dos alunos nos seus processos de aprendizagem, bem como aumenta a sua autoestima. A inserção de tecnologia na educação formal aproxima os nativos digitais de seus professores imigrantes digitais.

Pesquisas realizadas no Brasil, em 1991 e 1992, pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, durante a gestão do professor Paulo Freire, indicaram que

as escolas que utilizavam o computador nas atividades curriculares apresentaram melhorias nas condições de estruturação do pensamento do aluno com dificuldades de aprendizagem, de compreensão e retenção, bem como um melhor desempenho na comunicação entre alunos e professores, e maior interação nas aulas e estimulação da fala, da audição e da linguagem. Os alunos tornaram-se mais assíduos, ativos, participantes, independentes, entusiasmados, interagindo melhor em grupo, promovendo, inclusive, maior envolvimento da comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo identificar e analisar a influência do *laptop* educacional no estreitamento das relações afetivas e na motivação na aprendizagem. A realização deste trabalho teve como base uma pesquisa bibliográfica e uma observação em uma escola da rede municipal.

Apesar do pouco tempo que o *laptop* educacional está em uso na escola, foi possível constatar que o *laptop* educacional constitui-se numa ferramenta bastante significativa, pois possibilita a troca de experiências, o fazer coletivo, a interação entre professor e aluno despertando o sentimento de colaboração entre os envolvidos no processo ensino aprendizagem. É importante ressaltar que o uso do *laptop* por si só não faz a diferença, daí a importância do papel do professor no desenvolvimento das atividades.

Quanto ao envolvimento podemos concluir que os professores mostraram um significativo interesse em utilizar o *laptop* para o desenvolvimento das atividades escolares, pois este equipamento traz recursos que podem potencializar a criatividade do aluno, dando prazer ao fazer e ao aprender. Os professores reconhecem a importância do uso desta tecnologia no processo ensino aprendizagem, constituindo-se este equipamento numa importante ferramenta que motiva os estudos, despertando nos alunos maior interesse pela pesquisa e o desenvolvimento do aprender a aprender, fundamental na formação do sujeito autônomo.

Em relação ao projeto piloto desenvolvido na escola, apesar do pouco tempo, os resultados são bastante significativos, evidenciando assim a importância do uso do *laptop* educacional. Esperamos que em breve, todas as escolas possam dispor

desta tecnologia digital, como ferramenta de auxílio ao desenvolvimento das atividades pedagógicas em sala de aula.

Respondendo à pergunta inicial de nossa pesquisa, podemos concluir que o uso do *laptop* educacional como ferramenta de auxílio ao desenvolvimento das atividades pedagógicas, contribui significativamente para o estreitamento das relações afetivas na escola e na motivação do processo ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLONI, M. L.; GOMES, N. G. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 104 – Especial, p. 717-746, out. 2008 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

COLELLO, Silvia. Vídeo aula: Ética, Valores e Saúde na escola – Módulo 3 – Aula 13: A construção do fracasso escolar – USP – Univesp. 2011. Disponível em: <http://evs.usp.br/curso/course/view.php?id=9&topic=4>

FICHEMAN, Irene K. Ecosistemas digitais de aprendizagem de aprendizagem: autoria, colaboração, imersão e mobilidade. São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3142/tde.../irene_ficheman.pdf

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MORAN, José M. *A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá* (4ª ed. Papirus, 2009, p. 101-111). Disponível em: <http://www.eca.usp.br/moran/utilizar.htm>

_____. *A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papirus, 2007. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/desejamos.htm>

_____. *Novas tecnologias e o reencantamento do mundo*. *Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro, vol. 23, n. 126, setembro-outubro, 1995, pág. 24-26. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm>

PORTO, Tania M. E. *Revista Brasileira de Educação* v. 11 n. 31 jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/v11n31/a05v11n31.pdf>

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. (1992). *Projeto Gênese: A informática chegando ao aluno da escola pública municipal de São Paulo*.